

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA ESCOLA: UM ESTUDO DA SUA EVOLUÇÃO NOS TRÊS NÍVEIS ESCOLARES

Silvia Marina Anaruma (*)

INTRODUÇÃO

Muitos são os aspectos que concorrem para uma Educação ideal do homem principalmente dentro da escola. Entretanto, falamos em motivação, métodos, currículo, mas pouco pensamos na questão da corporeidade e que a princípio parece não ter nada a ver com a Educação.

A importância de pensar este tema, reside no fato de que somos nosso corpo, sentimos e respondemos com ele. É o corpo também uma linguagem, que é codificada pela sociedade. No entanto, a Educação valorizou de tal forma a parte intelectual do homem, que acabou relegando a segundo plano a parte afetiva, dicotomizando corpo e mente. E pensar num homem dividido, é pensar numa Educação fracassada.

O reflexo desta dicotomia pode ser visto na própria divisão do saber em disciplinas, na discriminação que se faz entre disciplinas de cunho teórico e de cunho prático e na distância que existe entre a sala de aula e a realidade do aluno. Sem contar que são poucas as escolas que estão preocupadas com a quantidade de horas que o aluno fica na sala de aula, numa mesma posição, tentando concentrar-se em conteúdos muitas vezes difíceis e importantes. Com tudo isso, parece que o corpo vai sendo disciplinado à passividade.

O nosso desafio neste estudo foi o de buscar respostas a seguinte questão: como a Educação Escolar penetra no corpo do aluno? Tarefa difícil esta de decifrar o corpo, entretanto, conseguimos fazê-lo dando um "mergulho" no universo de representações dos alunos. Entendemos por Representação, o conjunto de observações, noções e linguagens que se adquirem, por exemplo, através de dados da ciência e que permitem que os conhecimentos se objetivem a nós. Assim, a Representação é vista como uma das vias de apreensão do mundo concreto (Moscovici, 1978).

Partindo destas reflexões, realizamos uma pesquisa do tipo Qualitativa, com alunos de escolas públicas de Rio Claro, visando dois objetivos:

- 1 identificar a representação do corpo do aluno dentro do contexto escolar;
- 2 estabelecer uma linha de evolução dos três níveis de escolaridade: 1º, 2º e 3º graus. Utilizamos como metodologia a elaboração de uma redação pelo aluno, que foi analisada através de um técnica de Análise de Conteúdo.

Esta pesquisa pretende mobilizar uma reflexão nas formas de atuação e na postura do professor, a fim de que ele possa se aproximar de uma visão

(*) Professora Assistente do Departamento de Educação do Instituto de Biociências - UNESP - Campus de Rio Claro

mais holística de Educação, ou seja, que considere o aluno em todos os seus aspectos: físico, psíquico e social.

Por isso, deverá ser útil principalmente ao professor, que poderá ter uma visão particularmente ligada ao nível que leciona. Ao mesmo tempo, a pesquisa permitirá uma visão global da representação do corpo porque trabalhará todos os níveis.

Queremos destacar a contribuição desta pesquisa aos professores de Educação Física, por serem eles que atuam diretamente com o corpo do aluno em movimento. Por outro lado, esperamos também que seja de grande valia ao professor de 1º grau, por ser ele que praticamente iniciará o processo de escolarização e que terá em suas mãos, o corpo do aluno em toda sua espontaneidade.

II - METODOLOGIA

1. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Embora tenhamos feito a coleta de dados com 165 alunos, resolvemos escolher através de sorteio, 30 sujeitos de cada nível de escolaridade, sendo 50% de cada sexo. Finalmente, chegou-se a um total de 90 sujeitos, pertencentes a escolas públicas de Rio Claro, do período diurno.

Com relação a idade, os sujeitos do 1º grau, estavam na faixa de 12 a 15 anos; os do 2º grau, pertenciam ao 2º ano e estavam na faixa-etária entre 15 a 20 anos. Já os do 3º grau, pertenciam a uma Universidade pública, do 2º ano do curso de Licenciatura em Educação Física e Desportos. Estavam na faixa etária entre 18 e 24 anos.

A distância entre os níveis é de aproximadamente 4 anos.

2. AMBIENTE

A coleta de dados foi realizada durante o horário de aula normal e dentro da própria sala de aula.

3. MATERIAL

Uma folha de almaço que foi entregue a cada sujeito, onde deveria ser preenchido os dados de Identificação e elaborado uma redação.

4. PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Inicialmente testamos três instrumentos em outra população escolar com características semelhantes: uma redação, um questionário e um desenho. Por razões que atendem mais aos objetivos da pesquisa, optou-se pela redação, como instrumento definitivo para a coleta.

A coleta de dados se deu em dois momentos. Primeiramente, foi feita uma observação da escola, com o objetivo de adquirir uma noção tanto da parte física, quanto do seu cotidiano, para melhor compreender o discurso que seria elaborado pelos sujeitos. Num segundo momento, foi feita uma seleção da classe que mais se adequaria am parte de coleta de dados.

O procedimento para a coleta de dados foi o mesmo para os três níveis escolares. Foi dada a seguinte explicação:

"Estou muito preocupada com um tema que dificilmente as pessoas pensam e dão pouca importância, principalmente dentro da escola: a questão do corpo. Assim, eu resolvi fazer uma pesquisa para saber o que vocês alunos pensam e como sentem o corpo dentro da escola."

Depois disso foi distribuída uma folha para cada um dos sujeitos e foi pedido para que elaborassem uma redação com o tema: "O meu corpo na escola".

Foi ainda esclarecido que a redação não teria uma nota, que não seria levado em conta os "erros de Português" e que seria confidencial.

Foi dado o período de uma aula (50 minutos) para elaborarem a redação.

5. PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Com o material coletado, foi feita uma leitura de todas as redações, distribuídas nos três níveis, a fim de se ter uma noção global dos dados e elaborar uma primeira análise.

Posteriormente, optou-se por fazer a análise de acordo com o nível de escolarização, ou seja, com as redações agrupadas, por nível escolar, iniciando-se pelo 1º grau e seguindo os outros níveis em ordem crescente, respeitando-se a mesma sistemática. A partir desta fase, optou-se por utilizar uma metodologia de Análise de Conteúdo, que abrange um conjunto de técnicas aplicadas com múltiplos propósitos, desde que a investigação tenha por base o conteúdo da comunicação.

Para Klipperdorf (apud LUDKE E ANDRÉ, 1980) a Análise de Conteúdo possibilita fazer inferências válidas e replicáveis, respeitando-se a informação coletada a fim de se determinar o significado do próprio conteúdo. No nosso caso, utilizamos a técnica sugerida por Franco (1986).

O conjunto de categorias elaborado para o 1º grau, serviu como ponto de partida para a análise dos outros níveis, uma vez que um dos objetivos foi o de estabelecer uma linha de evolução entre eles. Em comparação com os outros níveis, foi verificado a frequência, ausência ou presença daquelas categorias. Além destas categorias previamente determinadas, outras novas foram acrescentadas, formando um conjunto próprio de cada nível, o que significou ter que considerar a inclusão de percepções características de cada grupo.

Finalmente, foi feita uma comparação entre os três níveis, analisando todo o conjunto.

III - RESULTADOS

Apresentaremos os resultados mostrando, ao mesmo tempo, as características de cada nível escolar e a evolução, elaborada de acordo com a comparação entre os níveis.

Com relação ao 1º grau:

O corpo do aluno de 1º grau foi representado com duas características:

- 1 Como um corpo que se sente bem: o corpo está bem quando tem a atenção da professora ou quando consegue um bom resultado através de uma prova, por exemplo. Se sente bem também, quando está em movimento: no recreio, principalmente, porque pode correr, se alimentar, brincar; chega-se a falar que o corpo está bem quando tem aula vaga; quando está em atividade que possa conversar, pintar, escrever. Também está bem quando dorme o suficiente e se alimenta bem.
- 2 Como um corpo que se sente mal: aquele corpo que está numa sala de aula com muitas pessoas falando ao mesmo tempo, quando passa pela situação ansiôgena da prova, quando tem a obrigatoriedade da nota e da presença, quando a aula está desinteressante e principalmente quando tem que ficar por tanto tempo sentado e em carteiras tão desconfortáveis. A impossibilidade de movimentar-se parece ser o mais desagradável para estes alunos.

As relações de poder aparecem também nesta categoria: o diretor como figura de ameaça, os alunos mais velhos também. Os alunos descrevem a escola como se fosse uma prisão, onde os funcionários assumem o papel de policiais e a diretora, de delegada. E, por fim, aquele corpo que não tem suas características fisiológicas (ou primárias) resolvidas: não dormiu o suficiente, faz regime alimentar para recuperar a beleza (e não a saúde) ou se alimenta mal e depressa.

É interessante notar que nestas duas formas de sentir o corpo, aparecem sensações endógenas (decorrentes de fatores internos) e sensações exógenas (decorrentes de fatores externos). O aluno neste nível escolar tem facilidade em descrever as sensações mais primárias do seu corpo. Pensamos que talvez seja porque nesta fase, ele esteja em maior sintonia com as mensagens do corpo e ainda não intelectualiza tanto como nos outros níveis. Citam com mais frequência as partes do corpo, em comparação

com os outros segmentos escolares. Além disso, seus movimentos ainda são mais espontâneos, por isso podem sentir com mais intensidade.

Chama a atenção, a forma que utilizam para explicar a representação do corpo: por meio de comparações. Comparam o corpo a uma casa: "o nosso corpo é o espelho de nossa casa"; a um animal: "me sinto como uma lebre morta"; às nuvens: "todo dia antes de entrar na classe o meu corpo fica leve, parece que estou andando nas nuvens"; ao peso de um gêlo: "Nos dias de prova, parece que eu engoli o Pólo Norte... eu começo a tremer, parecendo uma vara verde". Estes relatos comprovam o comentário anterior.

Em geral, o corpo do aluno de 1º grau é representado como um corpo sofrido, pois verificou-se mais ocorrências negativas que positivas. Isto fica mais gritante se compararmos com os outros níveis pesquisados. O 1º grau apresentou maior número de colocações que indicam sensações ligadas a um corpo que se sente mal do que o 2º e 3º graus.

Quanto aos alunos do 2º grau

O aluno de 2º grau, representou o corpo que se sente bem quando está se relacionando com outras pessoas ou quando tem a chance de fazer novas amizades. Aparece um componente novo, que não está presente no 1º grau: a Educação Física como um dos poucos espaços para que o corpo se sinta bem na escola: através desta disciplina o corpo pode extravasar, seja porque tem momentos que está mais livre (quando as aulas são num espaço aberto), ou seja porque não tem a preocupação em tirar notas: além disso, é valorizado através do esporte, tem a oportunidade de relaxar e conectar corpo e mente. Talvez seja a disciplina onde o prazer aparece de forma mais imediata.

As causas apontadas para um corpo que se sente mal nesta fase, tem as mesmas razões que aquelas apontadas pelo 1º grau, entretanto, são mais elaboradas e evidenciam as sensações de tensão muscular durante as avaliações das disciplinas.

O que altera, neste nível, são as preocupações e críticas que eles emitem sobre o corpo. Na verdade, nesta fase, os alunos discutem, analisam, interpretam suas sensações corporais e são capazes de uma opinião mais crítica sobre a escola; enfim, demonstram uma maior consciência sobre as coisas.

Começa aparecer também a representação de um corpo alienado, ou seja, aquele corpo que por condicionamento começa a ficar alheio aos acontecimentos a sua volta. Isto é demonstrado quando o aluno relata, por exemplo, que está apenas de corpo presente na sala de aula, mas na verdade está distante, como que perdido de si mesmo. Isto deve trazer como resultado, não sentir mais o corpo, fruto da fragmentação: corpo e mente vistos como separados.

Quanto aos alunos de 3º grau, curso de Licenciatura em Educação Física.

Também mudam os componentes que descrevem um corpo que se sente bem. A Universidade enquanto Instituição, aparece como referência para descrever um corpo que está bem ou mal. Os motivos estão ligados a maior liberdade e consciência que ela proporciona; a uma visão mais real do corpo que adquirem através do curso e porque ela media o encontro entre as pessoas (as relações interpessoais). O corpo do aluno universitário se sente seguro quando está com outros corpos, conversando, aprendendo, rindo.

Já com relação ao corpo que se sente mal, os fatores estão ligados mais a motivos de ordem pessoal, que acabam impedindo que o aluno se interesse mais pela escola. Além do que, relatam a dificuldade do corpo expressar livremente suas idéias dentro da sala de aula, seja por timidez ou por bloqueio, embora isto possa ser fruto de experiências anteriores dentro da escola, a alguma forma de repressão. O corpo também está mal porque tem excesso de atividades e acaba não tendo tempo para o que é prazeroso. Lidar com o movimento é bom, é gostoso, mas também é desgastante, porque passa a ser uma obrigação, que tem hora marcada, nota, seqüências e explicações, como acontece no estudo de qualquer

conhecimento. Ocorre a legitimação do saber: quando se institui o saber, perde-se normalmente o sabor.

Entretanto, existe uma alternância bastante clara entre as sensações de prazer e as sensações de desprazer. Esta alternância está ligada as aulas teóricas e práticas. O curso de Educação Física, oferece as aulas ligadas a teoria da Educação Física, (que inclui também a contribuição de outras ciências) assim como a parte prática, onde existe a aprendizagem dos esportes, jogos, dança e outras formas de expressões corporais.

A maioria dos sujeitos sente-se melhor nas aulas práticas, que foram relacionadas ao prazer, ligando as aulas teóricas, com tensão, desprazer.

Além disso, a representação do corpo aparece dividido em três dimensões: integrado para alguns (corpo e mente aparecem inter-relacionados e inter-dependentes) fragmentado (corpo separado da mente) e alienado (o corpo perdido de si mesmo) para outros. Estes componentes são mais explícitos neste nível escolar, do que nos outros.

VI - CONCLUSÕES

Desde os primeiros anos de vida escolar a educação formal vai adestrando o corpo dos alunos, a fim de contribuir para transformá-lo em corpos dóceis (Foucault, 1984). Muitos mecanismos contribuem para isso: a forma como são dadas as aulas, valorizando-se apenas a parte intelectual, o tempo que a criança fica sentada, (em carteiras desconfortáveis) as punições oriundas das repreensões do professor ou via avaliação (notas e provas). O "fique quieto", "senta direito", "cale a boca", são típicos destes comportamentos.

O corpo se apresenta num lugar muito semelhante a uma prisão: as portas fechadas, vigias, cinetas, autoridades. Estas condições vão levando a fragmentação do corpo do aluno, que se torna ainda mais evidente na própria divisão das aulas em teóricas e práticas.

Na verdade, sabemos que a repressão do corpo está diretamente relacionada com a autoridade do professor. É na medida que o corpo tem liberdade de se exprimir, que se destrói a relação professor-aluno e, conseqüentemente, o poder do professor. É disciplinando o corpo da criança que o adulto mantém o seu controle. Com a quebra desta relação, o professor não teria mais nada a ensinar, mas poderia aprender muito, pois a relação com a criança seria de pessoa para pessoa. A autoridade só voltaria se fosse conferida pelo grupo. E são poucos os professores que estão preparados para passar por este tipo de experiência.

Embora a pesquisa não tenha a pretensão de generalizar seus dados, há uma representatividade que nos permite dizer que quando o aluno chega à Universidade, ele se encontra dicotomizado como resultado de todo processo educacional pelo qual passou. Mas o que mais assusta é a alienação que aparece em alguns alunos, representando a perda de seus corpos.

Algumas saídas para este problema podem ser pensadas. A primeira delas é tentar trabalhar com o aluno de uma forma mais global, não reforçando a divisão entre corpo e mente que já está quase estabelecida; proporcionar momentos em que o aluno possa sentir seu corpo, percebê-lo e principalmente que possa expressar-se através dele; variar os locais onde se realiza uma aula, desvinculando as idéias negativas associadas a sala de aula. Atenção especial ao tipo de avaliação que o professor elabora: este momento precisa ser repensado, uma vez que, através da pesquisa fica claro que esta situação também é associada a outras que despertaram bastante ansiedade e que acaba gerando a falta de confiança, o esquecimento e finalmente, o fracasso.

A Educação Física na escola mostrou-se também como uma grande saída, já que lida diretamente com o corpo do aluno. E, por isso, este professor deveria estar totalmente envolvido com os professores de outras áreas. É na Educação Física que aparece de forma bastante evidente, as qualidades, deficiências e dificuldades em várias esferas do aluno. Deveria existir uma relação de inter-disciplinaridade entre todas as disciplinas, de

forma que pudessem trocar experiências e manter a totalidade do aluno, uma vez que o conhecimento já está tão fragmentado. Uma diferença nítida entre a representação do corpo do aluno de 1º grau e os outros níveis escolares, foi a objetividade com que descrevem as sensações, falam de reações mais concretas. Já nos outros níveis o corpo é representado de uma forma mais subjetiva, mais intelectualizada e elaborada. O professor deveria aproveitar esta característica e tentar "ler" o corpo do aluno, ao mesmo tempo que está decifrando o que ele fala. Esta capacidade passa muito mais por um lado intuitivo do professor, do que propriamente racional: como se seu corpo permitisse entrar em sintonia com o do aluno.

Por isso, admitir, que o corpo do professor está, muitas vezes, amortecido é uma outra questão a se pensar. Assim, abrir espaço para resgatar o seu corpo, através de trabalhos de expressão corporal, relaxamento, toques, ou mesmo esportes, é fundamental. Como mudar certas situações se não as vivenciamos?

BIBLIOGRAFIA

- FRANCO, Maria Laura P. barbosa. **O que é Análise de Conteúdo**. S.P. EDUC, 1986, ago., nº7.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4ª ed., R.J., Ed.Graal, 1984,v.7, Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, nº2.
- KLIPPENDORF, K. **Content Analysis**. Beverly Rios, Ca, Sage, 1980.
- LÜDKE, Menga & André, E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. S.P., E.P.U., 1986. Temas Básicos em Educação e Ensino.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**.R.J., Ed. Zahar, 1978, Col. Psyche.